



Rumos do riso no texto

Dinâmica 7

2ª Série | 3º Bimestre

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	2ª do Ensino Médio	Ambiguidade e ironia como estratégias de humor.	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.

DINÂMICA	Rumos do riso no texto.
HABILIDADE PRINCIPAL	H25 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H27 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
CURRÍCULO MÍNIMO	Reconhecer situações de ambiguidade e ironia que decorram do ponto de vista do autor ou do “eu lírico”.

Professor(a), nesta dinâmica você desenvolverá as seguintes fases com seus alunos:

ETAPAS		ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO
1	Apresentação da dinâmica, leitura e análise dos textos.	Leitura em voz alta orientada pelo professor, comentários sobre cada um dos textos com base nos conceitos de Ironia e Humor e discussão em grupo.	30 min	Toda a turma.	Escrito/Oral/Coletivo.
2	Exercícios e sistematização dos conteúdos.	Redação dos exercícios, apresentação das respostas à turma e sistematização durante e após a correção.	40 min	Grupos de 5 alunos e, posteriormente, toda a turma.	Oral/Individual
3	Autoavaliação.	Questão do ENEM.	10 min	Toda a turma.	Individual.
4	Etapa opcional.	Produção textual.	20 min	Toda a turma.	Escrito/Coletivo.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos para leitura disponíveis nos materiais do professor e do aluno.
- Exercícios sobre os textos e as noções de ambiguidade, humor e ironia, disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA E LEITURA DOS TEXTOS



LEITURA EM VOZ ALTA ORIENTADA PELO PROFESSOR E DISCUSSÃO SOBRE CADA UM DOS TEXTOS

APRESENTAÇÃO

Você já se encontrou em uma situação em que todos riam, menos você? Isso ocorre com todos nós, quando não percebemos o sentido do que está implícito em determinada situação comunicativa, porque estamos fora do contexto daquilo que foi dito. Para rir, é preciso entender a mensagem e esse entendimento é consequência de reflexões que só serão possíveis a cada um de nós se estivermos preparados para interagir com o enunciado. Por isso, *o riso sempre é fruto de um entendimento, de uma reflexão.*

Muitas vezes, porém, o que achamos engraçado não é compartilhado com os que nos cercam. Nesses casos, ou o outro não entendeu a mensagem, como dito acima, ou na sua experiência de vida não há registro de situações semelhantes àquela descrita, o que impede que exista a *identificação*, isso é, impede que ele se ponha no lugar de agente daquela situação e isso exclui o riso, pois, muitas vezes, rimos mesmo é de nós mesmos e não dos outros.

A Literatura, através dos tempos, vem registrando inúmeros casos de textos geniais em que a base da mensagem é construída com *recursos estilísticos* que levam o leitor a gargalhar, rir ou a sorrir daquilo que testemunha. Nesses casos, fazer rir torna-se uma tarefa séria, já que exige do artista o uso de técnicas muito elaboradas para atingir o seu propósito. Mesmo nos textos não literários, causar o riso pressupõe habilidades, como conhecimentos na esfera da *sintaxe* e da *semântica*, conhecimento do *contexto cultural*, *experiência de vida*, *entendimento de mundo*, entre outras.

Condução da atividade

- *Contextualize, ainda com a turma reunida, o tema que será discutido: efeitos de ironia e humor em textos variados; converse mais sobre a importância de saber ler nas entrelinhas, a fim de extrair de um texto todas as suas possibilidades comunicativas.*
- *Solicite que alunos leiam cada um dos textos em voz alta para a turma.*
- *Converse com os alunos sobre os textos, após a leitura, pedindo que eles apresentem suas impressões, comentários e dúvidas, de modo a iniciar um debate mais livre sobre os textos, a fim de que todos possam manifestar-se, dizer o que entenderam (ou não).*
- *Peça que os alunos identifiquem em cada um dos textos os traços de humor; pergunte se eles conseguem identificar o que pode criar o humor nos textos lidos ou o que é necessário saber para entender o humor em alguns dos textos.*



Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

Embora não seja uma habilidade específica desta dinâmica, é bom lembrar que, em todas as aulas, as noções de gêneros textuais devem ser retomadas. Cabe ao professor, na condução de sua aula, tecer comentários sobre os gêneros, a cada leitura de um diferente texto. No caso desta dinâmica, em que serão lidos textos literários e não literários, os tipos de humor serão bem variados, pois, sabemos, o humor provocado pelos

textos literários muitas vezes é mais sutil e faz referência a uma série de conhecimentos variada, por isso, exige de seu leitor uma competência de leitura bem mais rigorosa. Haverá situações em que o aluno não perceberá o tom de humor no texto, já que ele não domina o repertório utilizado e/ou não está familiarizado com implícitos geradores desse humor. Portanto, estão atreladas ao bom desempenho do aluno contextualizações feitas pelo professor a fim de facilitar o entendimento desses contextos.

A noção de que as diferentes épocas de produção textual marcam diferentes visões de mundo faz parte desse procedimento. Não se trata aqui de seguir rigorosamente as cronologias, pois sabemos que o estudo de Literatura não deve ser feito de modo a priorizar a sua história em detrimento do texto, como, infelizmente, ainda acontece em muitas escolas do nosso país. No entanto, trabalhar as recorrências temáticas ao longo do tempo e mostrar como em determinadas épocas alguns temas estão em maior evidência é bastante produtivo.

A maioria dos textos literários que utilizamos aqui foram produções da segunda metade do século XIX ou do século XX. Nesses casos, o humor aparece como elemento temático e isso condiz com as visões de mundo e com as mensagens transmitidas pelos autores desses períodos. Mostrar, por exemplo, como a Ironia de Machado é condizente com a sua intenção de formar leitores críticos, o que é marca da visão realista do século XIX, ou como Oswald de Andrade utiliza o humor para desmitificar a visão idealizadora dos textos românticos, procedimento esse recorrente em textos modernistas, é uma forma eficaz de permitir que o aluno torne-se um leitor atento e capaz de entender alguns pressupostos desses textos que serão analisados.

Durante a leitura de textos não literários, é importante também mostrar como o humor funciona de modo diferente e com índices linguísticos mais próximos ao mundo contemporâneo, embora não se exclua, em vários momentos, a necessidade de algumas explicações contextuais, pois nem sempre nossos alunos dispõem de informações socioculturais necessárias ao entendimento das mensagens desses textos. Durante a leitura, é importante ressaltar, através da entoação, o jogo rítmico dos textos, o que também colabora para o efeito de humor.



Nessa fase, você lerá textos em que a *ambiguidade*, a *ironia* e o *humor* são elementos constitutivos das mensagens e isso pode ocorrer nos textos literários e em outros gêneros textuais. Prepare-se: vamos conhecer e analisar esses textos.

TEXTO I

Ode ao burguês (Fragmento)

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
 O burguês-burguês!
 A digestão bem feita de São Paulo!
 O homem-curva! O homem-nádegas!
 O homem que, sendo francês, brasileiro, italiano,
 É sempre um cauteloso pouco a pouco!
 (...)
 Ódio fundamento, sem perdão!
 Fora! Fu! Fora o bom burguês!...

In: ANDRADE, Mario de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987. pp. 88-89.

VOCABULÁRIO	
Ode	composição poética do gênero lírico em que se exaltam atributos de homens ilustres, o amor e outros sentimentos.

TEXTO II

Moça linda bem tratada,
 Três séculos de família,
 Burra como uma porta:
 Um amor.
 (...)

In: ANDRADE, Mario de. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987. p. 380.

TEXTO III

Memórias póstumas de Brás Cubas (Fragmentos)

“Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo 15, que Marcela morria de amores por Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo (...).”

“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos (...).”

Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm05.pdf>. p.25. Acesso em: 07 jul. 2012.)

VOCABULÁRIO

Cuidar	imaginar, pensar.
Réis	unidade do antigo sistema monetário do Brasil.

TEXTO IV

Negrinha (Fragmento)

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos pais, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo cor-

ria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas – um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante. (...)

LOBATO, Monteiro.

In: MORICONI, Italo (sel.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p.78.)

VOCABULÁRIO	
Fusco	escuro, pardo.
Ruço	de cor próxima a pardo.
Em suma	em resumo.
Esteio	apoio, garantia.
Entanguem	do verbo “entangar”, pôr tanga; vestir como se veste uma tanga; no caso do texto, cobrir (em sentido figurado).

Caleidoscópio

*Leia, a seguir, um fragmento da introdução do livro **História do riso e do escárnio**, do historiador Georges Minois. Ele passou a se ocupar da análise histórica minuciosa do riso por percebê-lo como atividade ligada à natureza da condição humana. Fique atento ao tom descontraído do texto, levando o leitor a considerar que o próprio autor se rende, em seu texto, à proposta da espontaneidade que aponta no culto ao riso cultivado pela sociedade contemporânea.*

O riso é um caso muito sério para ser deixado para os cômicos. É por isso que, desde Aristóteles, hordas de filósofos, de historiadores, de psicólogos, de sociólogos e de médicos, que não são nada bobos, encarregaram-se do assunto. As publicações sobre o riso contam-se aos milhares, o que nos dispensa de estabelecer uma bibliografia, porque ela seria ora ofensivamente seletiva, ora interminável.

*Nos dez últimos anos, o interesse pelo riso atingiu o auge, e isso em todas as disciplinas. Para nos atermos à **História**, não se passa uma semana sem que um livro, um artigo, um programa de rádio, um colóquio ou uma conferência trate do riso nessa ou naquela época, nesse ou naquele meio. Na França, por exemplo, a associação **Corhum** (Pesquisas sobre o Cômico, o Riso e o Humor), criada em 1987, organiza regularmente jornadas de estudo sobre o assunto e colóquios, dentre os quais o mais recente ocorreu em Besançon de 29 de junho a 1 de julho de 2000, tendo por tema “Dois mil anos de riso. Permanência e modernidade”; a associação publica a revista semestral **Humoresques**. Nos Estados Unidos, o jornal interdisciplinar **Humor: International Journal of Humor Research** preenche a mesma função e, no mundo inteiro, conhecemos publicações similares.*

*Esse interesse pelo riso não deveria surpreender. De fato, estamos imersos em uma “sociedade humorística”, como bem analisou Gilles Lipovetsky, em 1983, em **A era do vazio**. Uma sociedade que se quer cool e fun, amavelmente malandra, em que os meios de comunicação difundem modelos descontraídos, heróis cheios de humor e em que se levar a sério é falta de correção. O riso é onipresente na publicidade, nos jornais, nas transmissões televisivas e, contudo, raramente é encontrado na rua. Elogiamos seus méritos, suas virtudes terapêuticas, sua força corrosiva diante dos integristas e dos fanatismos e, entretanto, mal conseguimos delimitá-lo.*

Estudado com lupa há séculos, por todas as disciplinas, o riso esconde seu mistério. Alternadamente agressivo, sarcástico, escarnecedor, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. É isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante, porque, segundo escreve Howard Bloch, “como Merlim, o riso é um fenômeno liminar, um produto das soleiras, ... o riso está a cavalo sobre uma dupla verdade. Serve ao mesmo tempo para afirmar e para subverter”. Na encruzilhada do físico e do psíquico, do individual e do social, do divino e do diabólico, ele flutua no equívoco, na indeterminação. Portanto, tem tudo para seduzir o espírito moderno.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. Trad. Maria Elena O. Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.



ETAPA 2

EXERCÍCIOS E SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS



Forme um grupo de cinco alunos para realizar a atividade desta fase. Um colega será escolhido para ser o redator das respostas do grupo e outro para ser o relator.

O grupo deverá ler as questões a seguir com atenção, discuti-las e tentar chegar a uma resposta comum, a ser redigida pelo redator. Em caso de dúvidas, solicite a ajuda do professor para a compreensão das perguntas. Escolha um representante do grupo para ler as respostas, que serão comentadas e corrigidas pelo professor.

Em seguida, seu professor irá conversar com a turma sobre alguns conceitos já trabalhados por você, mas que não foram sistematizados. Portanto, preste atenção na explicação e faça suas anotações.

Divida a turma em grupos de cinco alunos.

Solicite que cada grupo escolha um redator e um relator.

Instrua-os a lerem as questões e discutirem em grupo antes de redigirem as respostas.

Circule pelos grupos, observando o encaminhamento das discussões e se há dúvidas sobre formulação de questões que possam ser solucionadas por você.

Peça que o representante do grupo leia para a turma as respostas que deverão ser comentadas e corrigidas pelo professor a fim de seja feito, concomitantemente, um registro sistemático do assunto da dinâmica.

Oriente-os a registrar no seu próprio material a sistematização do conteúdo da dinâmica, que deverá ser resumida pelo professor e exposta na sala para os alunos. Para isso, reorganize a sala de modo que os alunos possam ouvir e prestar atenção à sua exposição, ou seja, faça com que eles estejam sentados individualmente.

Apresente os conceitos de ambiguidade e ironia (ver Orientações Didático-pedagógicas).

Demonstre, a partir desses conceitos, que o humor é um efeito de sentido criado por diferentes estratégias; retome os textos analisados para mostrar a importância de tal conhecimento para a compreensão global de cada um deles.



Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

Espera-se, nesse momento, que os alunos consigam discutir e analisar os textos com autonomia, a partir das questões apresentadas, mas é interessante que você se aproxime de cada um dos grupos, caso ache necessário ou eles solicitem, e esclareça o enunciado de alguma questão, mostrando a eles que cada uma tem um comando que deve ser compreendido.

No primeiro texto, o tom bem-humorado é construído pelo contraste entre o título e o conteúdo dos versos. Inicialmente compreendido como um poema de exaltação ao burguês, ao indivíduo dessa classe em ascensão na São Paulo do início do século XX, rapidamente emerge outro sentido quando da leitura do primeiro verso em que o eu poético manifesta-se insultando o burguês. O título é então ressignificado e a “ode” passa a “ode ao”, isto é, “ódio ao”. Assim, percebe-se claramente o jogo entre o dito “Ode ao burguês” e o compreendido “ódio ao burguês”.

O Texto II mostra o deboche e a irreverência de Mario de Andrade em relação à tradição aristocrática paulistana. A moça, de família tradicional (“três séculos de família”), é linda e bem tratada, porém burra. A comparação realizada em expressão popular (“burra como uma porta”), contrastando com a formalidade na descrição apresentada até então, reforça o tom irônico que será manifestado pela voz do eu poético no último verso da estrofe (“Um amor”).

No Texto III, temos um exemplo da ironia machadiana. Nesse texto, as reflexões sobre o amor também fogem aos padrões tradicionais. O narrador, nesse caso, desmitifica o amor romântico e leva o leitor a reflexões, abandonando a ideia das idealizações que serviram de base a muitos autores da primeira metade do século XIX.

O Texto IV, um fragmento de “Negrinha”, um conto de Monteiro Lobato, apresenta ironia em relação à postura da personagem Dona Inácia. Nesse caso, essa ironia beira o sarcasmo porque o narrador, além de construir a personagem através de características contrárias ao que é possível perceber sobre ela por suas atitudes, intensifica a personalidade ruim de Dona Inácia, criando, assim, um clima de crítica profunda a essa personagem.

O objetivo dessa dinâmica, além de trabalhar as suas habilidades específicas, é de proporcionar ao nosso aluno do ensino médio variadas oportunidades de leitura de textos, privilegiando-se aqui o texto literário. Com essa prática, o estudante tem contato com um vocabulário mais contextualizado, com mensagens mais elaboradas e, ainda, com diferentes visões de mundo. É fundamental lembrar que o humor é um efeito de sentido criado no discurso por diferentes estratégias, entre as quais a quebra de expectativa do leitor, a ambiguidade e a ironia. A quebra de expectativa acontece, por exemplo, no Texto I, quando o leitor espera um poema mais desenvolvido sobre o amor e o enunciador oferece apenas uma palavra, que nem pertence ao campo semântico que o próprio discurso literário anterior ao Modernismo construiu para o tema amoroso.

Passemos, então, à definição de conceitos utilizados no decorrer deste trabalho.

Costuma-se definir ambiguidade como a duplicidade de sentido de um enunciado, gerado pela escolha de determinada palavra, expressão, pela própria ordem sintática ou pelo contexto de utilização. De acordo com Rodolfo Ilari, a ambiguidade é “a característica das sentenças que apresentam mais de um sentido” e pode ser neutralizada por “operações de ordem sintática ou semântica e pela inserção das sentenças em contextos maiores” (p. 9).

Já a ironia (ou antífrase) consiste na afirmação de algo para que se compreenda o contrário do que foi dito. A intencionalidade do enunciador ao empregar tal recurso pode ser variada, indo desde a malícia e o sarcasmo até a criação de um humor sarcástico, inteligente ou mordaz.

Segundo José Carlos de Azeredo,

Fenômeno que extrai sua graça da sutileza, a ironia é, por excelência, um procedimento de distanciamento crítico, que envolve, porém, um alto risco: seu sucesso depende da cumplicidade cooperativa do ouvinte/leitor. Este precisa dominar e operar as regras do jogo, por mais que elas não estejam combinadas de antemão com ele.

(...) Na verdade, o desvendamento do texto e a apreensão dos seus efeitos de sentido dependem de uma interação entre os interlocutores (...) (p. 502).



REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

1. Observe os Textos I e II. O que eles têm em comum no que se refere ao gênero? Justifique.

2. Podemos afirmar que nos dois textos há um toque de irreverência, de deboche ou atrevimento do eu poético, que confere aos textos um tom de brincadeira, ludicidade, humor. Ressalte em cada um dos textos o que os torna irreverentes.

Texto I

Texto II

3. O título do Texto II possui uma dupla interpretação. Quais são os dois sentidos possíveis?

Sentido 1:

Sentido 2:

4. Nos fragmentos de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador induz o leitor a um discreto sorriso a partir da forma como apresenta o resultado de suas reflexões sobre o caso amoroso entre Brás e Marcela: "*Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*". Observe os três eixos de significação aqui existentes: amor- tempo-dinheiro.

Agora conclua: qual o recurso usado pelo narrador para dar esse efeito à reflexão sobre o amor de Marcela?

5. No Texto V, a caracterização de Dona Inácia é feita através do uso de contrários, oposições entre dois eixos de significação: o do ser e o do parecer. A personagem atua como boa pessoa, de hábitos religiosos, mas, na essência, suas atitudes contradizem o que aparenta ser.

Retire do texto duas passagens que exemplifiquem a verdadeira essência de Dona Inácia.

Fragmento 1:

Fragmento 2:

ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO



QUESTÃO DO ENEM

Agora é hora de trabalhar sozinho. Leia com atenção o texto e o enunciado da questão, a fim de escolher a melhor resposta. Preste atenção na resposta comentada do professor e verifique se você chegou às mesmas conclusões.

Condução da atividade

Estipule o tempo disponível para ler e responder à questão e, em seguida, apresente a resposta comentada, analisando cada alternativa e justificando a escolha da opção correta.



Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

Nesta etapa, selecionamos uma questão de múltipla escolha para que os alunos exercitem esse modelo de avaliação que requer algumas habilidades específicas de leitura.

Acreditamos que esse momento é de suma importância para o processo de letramento de nossos educandos, por isso, antes de iniciar o trabalho, reforce para a turma a importância de trabalhar com seriedade.





QUESTÃO (ENEM 2009)

No contexto, a comparação entre o primeiro e o último quadrinho produz humor. A produção de humor se deve ao seguinte recurso:

- a. destaque de uma situação embaraçosa.
- b. demonstração de uma atitude caricatural.
- c. desconstrução de uma expectativa do leitor.
- d. negação de uma característica do personagem.

Resposta comentada

No primeiro quadrinho, o Overman apresenta a Louva Deusa como sua mais terrível inimiga e no último surge uma revelação inesperada pelo leitor, pois a pior inimiga é justamente uma criação do próprio herói que lamenta e se arrepende do que acaba de fazer. Não há, no texto, nem uma situação embaraçosa, nem uma atitude caricatural, nem a negação de uma característica, mas um arrependimento do personagem principal, o que não era esperado pelo leitor. Assim, a alternativa correta é a letra C.



ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL

PRODUÇÃO DE TEXTO

Redija um pequeno texto capaz de produzir um efeito de humor no leitor. Você poderá relatar uma experiência vivida ou reproduzir por escrito uma anedota que tenha achado engraçada. Depois, teça um comentário sobre o que propiciou o riso nesse texto que escreveu.

● ● ● ● ●

● ● ● ● ●

15

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BERGSON, H. **O riso. Ensaio sobre a significação do cômico**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.

SUGESTÕES DE LEITURA PARA O PROFESSOR:

- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

Leitura incisiva sobre questões específicas do funcionamento e do uso da língua portuguesa contemporânea no Brasil. Publicação voltada para professores, mas que serve como referência constante às necessidades dos alunos.

- BERGSON, H. **O riso. Ensaio sobre a significação do cômico**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Ensaio filosófico que já se tornou clássico sobre as implicações e a natureza do riso. Bergson apresenta o riso como um dispositivo eminentemente humano, capaz de ser acionado diante de uma situação de identificação entre o olhar humano e o que é visto.

- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.

Neste livro, o historiador Georges Minois aceita o riso como assunto a ser dissecado pela análise histórica, uma vez que, embora tenha ocupado o tempo e o interesse de diversos nomes proeminentes na filosofia e nas ciências ao longo das eras, é hoje, na contemporaneidade, que a sociedade globalizada é vista em sua pretensão ao *cool* e *fun*. Isso significa dizer que vivemos num mundo que cultua a naturalidade e a descontração, de modo que algo existe, nesse contexto, cuja investigação deveria ser feita. Tal investigação é a proposta de *História do riso e do escárnio*.

SUGESTÕES DE LEITURA PARA O ALUNO

- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

Leitura incisiva sobre questões específicas do funcionamento e do uso da língua portuguesa contemporânea no Brasil. Publicação voltada para profes-

sores, mas que serve como referência constante às necessidades dos alunos.

- TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

Reunião em volume único de todos os manifestos das vanguardas artísticas constituintes do movimento de vanguarda europeu e do Modernismo brasileiro. Vale pela leitura dos documentos de ordem escritos por Oswald de Andrade, que concentram os conceitos e posicionamentos de sua obra poética, basilar na expressão cultural durante aquele período no Brasil.

- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. São Paulo: Martins Fontes: 1970.

Obra emblemática do Modernismo no Brasil. Macunaíma, "o herói sem nenhum caráter", satiriza o discurso do Romantismo em relação à formação do povo brasileiro, fazendo, ao mesmo tempo, um apanhado de elementos culturais formadores do perfil das diversas regiões do Brasil. Seu autor, Mário de Andrade, foi um dos mais representativos artistas e intelectuais do Modernismo brasileiro, formando com Oswald de Andrade a dupla de referência do pensamento sintonizado com a Modernidade naquele momento.

